# ALEMÃES E DESCENDENTES NO CARNAVAL DE PORTO ALEGRE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX (1850-1885)

## *GERMANS AND DESCENDANTS AT PORTO ALEGRE'S CARNIVAL IN THE SECOND HALF OF THE 19TH CENTURY (1850-1885)*

Caroline Pereira Leal[1]

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar a inserção de alemães e descendentes nos festejos carnavalescos da cidade de Porto Alegre, na segunda metade do século XIX (1850-1885). A partir da análise de processos-crime, de registros de viajantes estrangeiros, jornais que circulavam na cidade à época, como *A Reforma, A Federação*, *Deutsche Zeitung, Koseritz' Deutsche Zeitung* e *Mercantil*, e de fontes bibliográficas, discorre-se a respeito das brincadeiras do entrudo, dos bailes, grupos e préstitos carnavalescos. Buscando averiguar de que maneira o germanismo e seus efeitos práticos podem ser vislumbrados por meio do carnaval, foi possível constatar que, sem abdicar das origens e do componente étnico na formação de sua identidade, imigrantes alemães e seus descendentes tiveram no carnaval a oportunidade de externar seus sonhos, desejos e anseios, integrando-se à pátria que os recebera.

**Palavras-chave**: Carnaval; Germanismo; Imigração alemã.

***ABSTRACT***

*This article aims to present the insertion of Germans and their descendants in the carnival celebrations of the city of Porto Alegre, in the second half of the 19th century (1850-1885). Based on the analysis of criminal proceedings, records of foreign travelers, newspapers that circulated in the city at the time, such as A Reforma, A Federação, Deutsche Zeitung, Koseritz' Deutsche Zeitung and Mercantil, and bibliographical sources, it discusses the pranks Shrovetide, dances, groups and carnival processions. Seeking to find out how Germanism and its practical effects can be glimpsed through carnival, it was possible to verify that without giving up the origins and the ethnic component in the formation of their identity, German immigrants and their descendants had in the carnival the opportunity to express their dreams, desires and anxieties, becoming part of the homeland that had received them.*

**Keywords**: *Carnival; Germanism; German immigration.*

1 Caroline Leal é mestre e doutora em História (PUCRS) e especialialista em Gestão Pública (UERGS). Atua como professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RME/POA), Porto Alegre, RS, Brasil.

## INTRODUÇÃO

A fundação da Colônia de São Leopoldo, na então província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em julho de 1824, marcou o início do deslocamento sistemático de alemães para o Brasil. Com efeitos sobre a formação do incipiente país, e de sua constituição enquanto Estado-Nação, a presença de imigrantes e seus descendentes acabou por influenciar, fortemente, a vida econômica, política e social dos lugares em que se estabeleceram, e que hoje celebram o bicentenário do início desse processo migratório.

Inserido no período Industrial (1800-1925), daquilo que conhecemos como migrações modernas (MASSEY, 1993), esses movimentos migratórios estão relacionados "à expansão do capitalismo, às categorizações socioculturais baseadas na racialização, à colonidade do poder e às estruturas de dominação e desigualdades sociais" (ARAÚJO, 2017, p. 13). No caso específico do Brasil, a política migratória foi definida a partir dos critérios de assimilação e branqueamento populacional, e "a imigração passou a ser representada como um amplo processo civilizatório e forma mais racional de ocupação das terras devolutas" (SEYFERTH, 2002, p. 118). Com a abolição do tráfico negreiro e a crescente necessidade de mão de obra, observa-se um incremento de políticas imigrantistas e colonizatórias, intensificando-se a vinda de alemães para o território brasileiro, a partir de 1850 (GREGORY, 2000). Dessa forma, até o final do século XIX, quase 80.000 imigrantes alemães já haviam se deslocado para o Brasil (MAUCH, 1994).

Há de se destacar que o processo de unificação territorial e o surgimento da Alemanha como Estado-Nação que conhecemos hoje ocorreria somente após a Guerra Franco-Prussiana, em 1871. Até o início daquela centúria, diversos estados com populações de fala alemã, sem unidade política ou identidade nacional, formavam o Sacro Império Romano Germânico. Somente após sua dissolução, em 1806, e o avanço napoleônico sobre o território, é que houve o afloramento de um sentimento de nacionalismo alemão (PIASSINI; SAUSEN, 2020). Com o Congresso de Viena (1815) e o redesenho do mapa político europeu, formou-se, então, a Confederação Germânica, reunindo Estados soberanos de língua alemã, sob a liderança austríaca. Essa associação tinha o Império Austríaco e o Reino da Prússia como principais membros, e acabou por ser dissolvida, em 1866, quando essas potências entraram em guerra, resultando no domínio prussiano dos territórios germânicos, e na criação da Confederação Norte-Germânica. Anexando os estados germânicos do sul, após a vitória na Guerra Franco-Prussiana, Guilherme I, rei da Prússia, foi coroado imperador da Alemanha unificada, dando início ao II *Reich* (KITCHEN, 2013).

Embora muitos dos imigrantes que vieram para o Brasil tenham se deslocado para áreas rurais, atuando nas lavouras cafeeiras, ou como cam-

poneses em núcleos coloniais, outros foram para centros urbanos de origem lusa, como no caso de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Procedentes das colônias já existentes, ou diretamente da Europa, os alemães que se estabeleceram na cidade montaram casas comerciais e de importação, estabelecimentos industriais e manufatureiros, a fim de "prosperar economicamente, mas também firmes no propósito de manter e aprimorar uma *germanidade* em terras subtropicais" (BRAUN; BLUME, 2022, p. 23). De acordo com Braun e Blume (2022, p. 33), o êxito socioeconômico dos imigrantes alemães "ficou visível justamente a partir do momento em que surgiram sociedades e associações de variadas finalidades". Fossem de caráter esportivo ou cultural e recreativo, esses espaços de sociabilidade permitiram trocas simbólicas, que promoviam o fortalecimento de suas origens étnicas e o cultivo do *deutschtum*.

Designando, de modo geral, "uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã" (GERTZ, 1998, p. 32), o *deutschtum*, "engloba a língua, a cultura, o *Geist* (espírito) alemão, a lealdade à Alemanha, enfim, tudo o que está relacionado a ela. Mas como nação e não como Estado. Representa uma solidariedade cultural e racial do povo" (SEYFERTH, 1981, p. 45-46). É nesse sentido que germanismo pode ser entendido como a ideologia que estrutura o "ser alemão", representando o mundo teutônico; enquanto a germanidade caracterizaria a prática das populações de origem alemã, expressão de sua identidade étnica.

À vista disso, o presente artigo tem como objetivo apresentar a inserção de alemães e descendentes nos festejos carnavalescos da cidade de Porto Alegre/RS, na segunda metade do século XIX. Enquanto festa, espaço de exercício de sociabilidades, permeado por diversos referenciais simbólicos, temos no carnaval uma possibilidade de acesso ao mundo das relações estabelecidas entre as pessoas e à diversidade das atividades práticas e representacionais que compõem os universos por elas experenciados. Feito de histórias individuais e coletivas, o carnaval também pode ser vislumbrado como "uma forma de discurso, uma maneira de significar, uma forma de produzir, distribuir, fazer circular e se apropriar de sentidos", bem como "um momento de dramatização não só da vida e da ordem social, mas de seus desejos, de seus sonhos, de seus delírios, de seus caminhos e descaminhos, de seus projetos e projeções" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 146). Deste modo, a partir da análise de processos-crime, de registros de viajantes estrangeiros e jornais que circulavam na cidade à época, como *A Reforma*, *A Federação*, *Deutsche Zeitung*, *Koseritz' Deutsche Zeitung* e *Mercantil*, discorre-se a respeito das brincadeiras do entrudo, dos bailes, grupos e préstitos carnavalescos, buscando averiguar de que maneira o germanismo e seus efeitos práticos podem ser vislumbrados por meio do carnaval.

## Entrudo, bailes e préstitos carnavalescos

Porto Alegre começou a ser ocupada ainda na primeira metade do século XVII, mas seu processo de povoamento só teria início com a chegada de 60 casais açorianos, em 1752. Em sua bagagem, eles trouxeram o jogo do entrudo, forma portuguesa de celebrar o carnaval. Caracterizado como introito de quaresma, três dias que precediam os quarenta de preparação para a Páscoa, no entrudo o povo divertia-se molhando uns aos outros, atirando farinha e polvilho, empregando peças jocosas e banqueteando-se (FARIA, 1861). De acordo com Flores (1999, p. 152), "era uma verdadeira batalha para molhar alguém com água jogada de balde, bacia ou seringa, com arremesso de limão de cheiro. [...] homens e mulheres se empenhavam em loucas correrias e agarramentos, jogando água. Era um salve-se quem puder!".

Muito popular, e largamente praticado desde o início da colonização de Porto Alegre (FERREIRA, 1970), o entrudo era, frequentemente, descrito pelos viajantes estrangeiros que passaram pela cidade, entre os quais se destaca o militar Joseph Hörmeyer, capitão de infantaria contratado pelo império brasileiro para lutar na Guerra do Prata. Assim como ele, cerca de 1.800 soldados germânicos desembarcaram no Brasil, em 1851, a fim de compor a Legião Alemã, no conflito contra Oribe e Rosas, capítulo de uma longa disputa que envolvia o Brasil, a Argentina e o Uruguai, pelo espaço fronteiriço platino. A maior parte dos *brummer*, como foram apelidados no Brasil, participou dos movimentos revolucionários de 1848 na Europa, ou havia lutado na "Primeira Guerra de Schleswig (1848-1851), centrada na querela entre alemães e dinamarqueses pelo controle das províncias de Schleswig e Holstein" (PIASSINI; SAUSEN, 2020, p. 78). Ao findar o contrato de 4 anos que haviam assinado com o governo brasileiro – ou desertando, antes disso –, muitos se "estabeleceram em Porto Alegre e nas zonas coloniais como professores, advogados, engenheiros, agrimensores, médicos, etc. Eram, na maioria, protestantes, maçons e partidários de uma monarquia liberal" (DICKIE, 1989, p. 9), e influenciaram fortemente a sociedade teuto-brasileira. Diferentemente deles, depois de entrar em contato com os costumes da região, em especial com as colônias germânicas, Hörmeyer retornou à Alemanha, e publicou trabalhos enaltecendo o Brasil, a fim de incentivar a emigração (NEUMANN, 2000; REVERBEL, 1986; WITTER, 1969). Em uma de suas obras – *Beschreibung der Provinz Rio Grande do Sul in Südbrasilien mit besonderer Rücksicht auf deren Kolonisation*, traduzido para *O Rio Grande do Sul de 1850: descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil meridional* – ele retratou os costumes carnavalescos em Porto Alegre, descrevendo o jogo do entrudo. Vejamos:

> O jogo do Entrudo realiza-se na quinta-feira gorda e nos últimos três dias de carnaval, representando aqui os dias do corso na Itália que, igualmente, caem no *giovedigrosso* e nos *tre ultimi giorni del carnavale*; somente que aqui, em lugar de *confetti e cartolini* são atiradas bolas de cera do tamanho de uma pequena laranja enchidas com água de cheiro ou mesmo do poço nos passantes; esses atiram de volta a mesma mercadoria, o que leva, usualmente, de que casas e quartos sejam invadidos e, por falta de munição de cera, se lance mão de baldes d'água, molhando-se a valer. Aí não valem nem sexo, nem posição social, nem idade; todos devem acompanhar esta brincadeira ou fechar bem as casas e janelas... Asseguraram-nos que tais disputas chegam, na Rua da Praia, a tal ponto que senhores e damas se empurram, no fim, para dentro do rio aqui muito raso e, apesar da *toilette* apurada e dos vestidos de seda, fraques e botinas de verniz, se molham devidamente (HÖRMEYER, 1986, p. 77).

Comparando o entrudo com o carnaval italiano, Hörmeyer ressaltava o uso do limão de cheiro no lugar dos confetes, numa verdadeira batalha líquida, da qual participavam homens, mulheres, ricos, pobres, jovens ou não. Neste sentido, o cronista salientava a roupa dos participantes que, apesar de elegante e sofisticada, terminava encharcada pela imersão dos brincantes, nas águas do rio Guaíba. Há de se ressaltar que, praticado por diferentes grupos sociais, embora ordenado por regramentos de uma sociedade escravista, que conservava o status das classes abastadas, tanto a população escravizada quanto a própria família imperial se deleitavam com as brincadeiras do entrudo (LEAL, 2021).

Embora fosse muito popular, com o passar dos anos o entrudo passou a ser severamente reprovado. As críticas à célebre brincadeira destacavam tanto aspectos de ordem moral, em função dos excessos que seriam praticados durante o carnaval, quanto questões relativas ao prejuízo da saúde dos indivíduos. Contudo, mesmo proibido através de Posturas Municipais, desde a década de 1830, com o estabelecimento de multas, prisão ou castigos (no caso de escravizados) para quem desobedecesse, o jogo das molhadelas continuava encantando os brincantes. De acordo com Flores (1996, p. 157), nem a ameaça de multa e de chicote haveria de esfriar os ânimos dos foliões. Refugiando-se em suas janelas, mandavam "água e farinha nas patrulhas policiais. Os guardas voltaram ao quartel molhados e sem nenhum preso. A desgraça alheia, roupa molhada e penteado desfeito, provocavam gargalhadas e ditos graciosos".

Mandando publicar uma nota na seção "A pedido", do jornal *A Refor-*

*ma*, sob a assinatura de "O jogador de entrudo", um leitor apontava a desmoralização policial frente às agressões cometidas durante a brincadeira. Por ocasião do carnaval de 1870, um alemão, morador da Rua da Cadeia, teria trocado os limões de cheiro por pedras, arremessando-as "nas famílias que se achavam nas janelas". Disparando "bofetões e socos", ao ser preso em flagrante pelo sargento da polícia, o indivíduo "foi tomado e solto, por aquele morador à Rua do Ouvidor". Indagando ao Sr. Dr. Chefe de Polícia a respeito das providências que seriam tomadas, sarcasticamente o leitor concluía que "esperar-se-á até novo entrudo, e assim é esbofeteado um sargento, que por desgraça, pelo cargo que ocupa, nem queixar-se pode sem licença de seus superiores" (*A Reforma*, Porto Alegre, 5 de março de 1870).

Periódico vinculado aos representantes das elites políticas locais que desejavam maior autonomia em relação ao governo central, o jornal *A Reforma*, órgão oficial do Partido Liberal, foi pioneiro no jornalismo político-partidário rio-grandense, e utilizava o carnaval para criticar o Chefe da Polícia, Sr. Coelho Bastos, e a autoridade do presidente da província, João Sertório, membro do Partido Conservador. Além das querelas políticas de então, a nota também indicava a presença de alemães e/ou seus descendentes no carnaval porto-alegrense, e apontava para disputas e desavenças que poderiam ocorrer em função do entrudo, sobretudo em uma cidade que passava por célere crescimento, e se tornava uma sociedade multiétnica. A pacata freguesia, marcadamente açoriana, do início do século, com seus 3.927 habitantes, tinha dado lugar a uma cidade que contava com 43.998 habitantes, no ano de 1872 (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL, 1936), e com significativa presença de imigrantes de várias origens, em especial alemães e italianos. As brincadeiras de entrudo, antes praticadas entre conhecidos, poderiam agora acarretar diversos inconvenientes, caso os brincantes não partilhassem dos mesmos hábitos culturais, e, porventura, algum deles não quisesse cair na folia.

Outro episódio envolvendo a comunidade teuto-brasileira e o jogo do entrudo ocorreu no carnaval de 1885, no baile da Sociedade Germânia, a mais antiga sociedade recreativa da cidade. Fundada em 1855, ela reunia a elite alemã radicada em Porto Alegre (FRANCO, 1998). Enquanto uma multidão se aglomerava em um coreto erguido pela sociedade junto às janelas ou mesmo na rua, em um ou outro passeio, para obsevar o baile carnavalesco, foram arremessados limões de cera, contendo ácido sulfúrico, que provocaram queimaduras em diversas pessoas e danos a roupas e chapéus (RIO GRANDE DO SUL, 1885). Os acusados pelo crime foram os irmãos Hugo e Emílio Gertum, que se encontravam na residência de Alberto Deistel, à Rua dos Andradas, número 53, fronteira à Germânia, enquanto o proprietário e sua esposa, Frederica Deistel, participavam da festividade. Tendo ido ao local

justamente para observar o baile, pois como não eram sócios não podiam participar, os jovens teriam atirado os limões com ácido sulfúrico a fim de dispersar a multidão, que estava a impedir sua visão do baile (RIO GRANDE DO SUL, 1885). "D'essa diversão brutal resultou ficarem queimadas muitas pessoas – homens, senhoras, crianças, entre estas uma que, segundo nos consta, perdeu a vista", noticiava o jornal *A Federação (*Porto Alegre, 16 de fevereiro de 1885). Após verificar que os limões eram lançados do sótão da casa de Alberto Deistel, "indignado, o povo arremessou-se em massa e em grito sobre a casa querendo apedrejá-la e arrombá-la" (RIO GRANDE DO SUL, 1885). O tumulto encerrou com a chegada dos proprietários da residência e da polícia, que tomou nota do nome dos acusados, prometendo levar o fato ao conhecimento do Dr. Chefe de Polícia. "A inocente variante do jogo do entrudo", como declararam alguns jornais, resultou na abertura de um processo contra os irmãos Hugo e Emílio Gertum.

Os jovens de 22 e 23 anos, respectivamente, eram filhos de Joseph Gertum. Imigrante alemão, natural da Renânia, ele desembarcou em Porto Alegre em fevereiro de 1854, junto com sua esposa Elisabeth Alexandrina Walau, onde se estabeleceram, e tiveram nove filhos. Professor de desenho e música, em 1860, montou uma *Deutsche und französische Leihbibliothek* (Biblioteca de Empréstimo Alemã e Francesa), situada à Rua da Praia, número 190. Destinada, sobretudo, ao público teuto residente na cidade, mediante o pagamento antecipado da subscrição mensal de 1$000 reis, os leitores encontravam obras "'em parte voltadas ao entretenimento e em parte de conteúdo científico e industrial', oriundas da Alemanha" (GRÜTZMANN, 2015, p. 30). Em 1880, ele abriu uma casa especializada em músicas e instrumentos musicais, localizada à Rua dos Andradas, número 238, onde também vendia "sortimento de pulseiras, bolsas, álbuns, pregadores, estantes de veludo, carteiras mimosas, canivetes, licoreiros a fantasia (um mimo!), etc, etc." (*A Federação*, Porto Alegre, 22 de outubro de 1885, p. 3), bem como "papel de carta com monograma, bengalas para meninos, quadros de oleografia com molduras douradas, livros, bonecas de cera e porcelana, cartas finas em baralhos para jogar, punhos de papel bordado para buquês, miudezas e objetos de fantasia" (*A Federação*, Porto Alegre, 26 de novembro de 1886, p. 4). Ampliando os negócios, em 1886, José Gertum abriu uma "livraria, fábrica de livros comerciais e tipografia, habilitada a fazer qualquer trabalho deste ramo, com grande perfeição e por preço limitado", conforme seu anúncio (*A Federação*, Porto Alegre, 28 de janeiro de 1886, p. 3). Partícipe daquilo que caracterizaria o grande comércio de Porto Alegre, no qual o "comerciante se dedicava especialmente às atividades de exportação e importação com outros centros maiores" (PESAVENTO, 1985, p. 29), ainda no mesmo ano, ele transferiu seu negócio para "um prédio magnífico, novo, vasto e elegante,

à Rua dos Andradas", convertendo-o num grande empório, que passou a ser chamado de "Casa José Gertum" (*A Federação*, Porto Alegre, 8 de maio de 1886, p. 3). Futuramente, Hugo Gertum se casaria com Rosa, filha de Antônio José Gonçalves Mostardeiro, vindo a residir na Rua Mostardeiro, número 12. Proprietário da Fábrica de Papel Hugo Gertum, também era acionista do Banco do Comércio. Emílio Gertum, por sua vez, se tornou membro da diretoria do Banco Nacional do Comércio. Residindo em uma casa na Rua Hilário Ribeiro, número 275, também se dedicava à pintura. Os Gertum estiveram entre os pioneiros do bairro Moinhos de Ventos, região onde se estabeleceram as famílias abastadas da cidade (BISSÓN, 2008).

No ano seguinte, outro triste episódio envolveria o jogo do entrudo e a família Gertum. Plínio de Freitas, um caixeiro de José Gertum, foi ferido com duas facadas por um homem de nacionalidade italiana, chamado Salvador Vacaro. Ao passar pela livraria onde Plínio trabalhava, o agressor foi "bisnagado" por algumas pessoas que por ali brincavam – "dois ou três moços da nossa boa sociedade jogando o entrudo com algumas moças da vizinhança, com bisnagas e copos d'água" (*A Federação*, Porto Alegre, 15 de março de 1886, p. 3). Não tendo gostado da brincadeira, o indivíduo entrou na loja, e, acusando o caixeiro Plínio de tê-lo molhado, desferiu-lhe duas facadas nas costas, caindo ele de bruços sobre o balcão da loja. Acusado pelo crime, o réu, defendido por Israel Rodrigues Barcelos, foi absolvido do caso (*A Federação*, Porto Alegre, 23 de junho de 1886, p. 2). Coincidentemente (ou não), tal evento ocorreu na livraria do pai dos moços que no ano anterior haviam sido o centro da polêmica dos limões de cera com ácido sulfúrico.

Pedradas no lugar das bolas de cera, ácido sulfúrico nos limões de cheiro, facadas por causa das bisnagas, as brigas e desavenças ocorridas em função das brincadeiras de entrudo contribuíam para sua crítica, e legitimavam sua extinção. Desjanais, pseudônimo de Joaquim Antônio Vasques, em sua coluna publicada no jornal *A Reforma*, no carnaval de 1873, destacava os males trazidos pelo folguedo, assinalando que sempre havia "brigas domésticas, brigas públicas, dão-se más respostas, recebem-se descomposturas, quebra-se um perna, esfola-se o nariz – o diabo, enfim!" (*A Reforma*, Porto Alegre, 23 de fevereiro de 1873). Buscando convencer seus leitores a mudarem a forma de comemorar o carnaval, convocava a "rapaziada que se distingue por seu bom gosto e fino espírito (é preciso elogiá-la)", a fim de "organizar uma sociedade carnavalesca que enterre para sempre o antiquário Entrudo" (*A Reforma*, Porto Alegre, 23 de fevereiro de 1873).

Dessa forma, dias depois do chamamento de Desjanais, era anunciado o surgimento de duas agremiações, a *Esmeralda Porto Alegrense* e *Os Venezianos*. Reunindo "a nata dos moços da nossa sociedade, a boa gente da

terra" (FERREIRA, 1970, p. 32), as sociedades carnavalescas promoviam bailes exclusivos a seus sócios, e apresentavam desfiles de carros alegóricos pelas principais ruas do centro da cidade. Representantes do "progresso" e da "civilização", tanto física quanto dos hábitos e costumes da cidade, esmeraldinos e venezianos eram exaltados por "não hesitaram em fazer, a porfia, tão grandes sacrifícios, a fim de extirpar do seio da mãe pátria essa feia nódoa, que a envergonhava aos olhos das nações" (*A Reforma*, Porto Alegre, 14 de fevereiro de 1875). É importante destacar que muitos teuto-brasileiros foram sócios dessas agremiações, chegando a ocupar cargos em sua diretoria, e, inclusive, a presidência. Germano Hasslocher, por exemplo, foi presidente dos venezianos, na gestão de 1879/1880. Neto de Christian Klinglhoeffer, conhecido como "pastor farrapo", que, em 1825, procedente de Hessen, emigrou com a família para o Brasil, com "o sonho de adquirir uma sesmaria, conforme lhes fora prometido na Europa" (FLORES, 1995, p. 50). Alinhando-se aos farroupilhas, refugiou-se em Rio Pardo, onde a família se radicou após sua morte, em 1838. Provavelmente ali, Wilhelmine Hedwig Klingelhoeffer conheceria Nicholaus Hasslocher, natural da Renânia, com quem casaria, e teria Germano Hasslocher. Considerado um dos fundadores de Santa Cruz do Sul, Germano casou-se com Maria Alphonsine Durand, e foi vereador em Porto Alegre. Outro exemplo é o de Cristiano Kraemer, membro da diretoria dos venezianos, na gestão de Hasslocher, e em outras. Filho dos imigrantes Johann Michel Kraemer (Miguel Kraemer) e Amalia Christiana Luisa Wilhelmina Walter, era um comerciante importador (carros, carruagens, motores, máquinas e debulhadores), com estabelecimento na Rua da Praia, e despachante aduaneiro. Foi membro do Partenon Literário, associação literária atuante entre 1869 e 1885, e presidente da agremiação esperantista, fundada em 1906, ambas em Porto Alegre. Naquilo que tange à Esmeralda, encontramos o nome de Inácio Geyer. Nascido em São Leopoldo, era filho de Valentim Geyer e Maria Luiza Valentina Leopoldina Diehl, imigrantes alemães. Junto a Leopoldo Masson, transformou a *Pêndula Misteriosa*, casa especializada em relógios e joias, numa referência comercial em Porto Alegre, a *Casa Masson*. Ambos foram fundadores da Esmeralda, chegando Leopoldo Masson a presidi-la, em 1880. Para iniciar seu negócio, Leopoldo Masson "contou com a ajuda do crédito de outra firma do ramo, o joalheiro Moisés Aaron & Filhos (entre os quais deveria incluir-se Emílio Aaron, outro fundador da Esmeralda)" (LAZZARI, 1998, p. 91). De acordo com Gans (2004, p. 168), o carnaval de esmeraldinos e venezianos era, frequentemente, noticiado pela imprensa teuta, demonstrando que essa festa "parece ter sido um evento apreciado pelos teutos de Porto Alegre".

A significativa participação de alemães e descendentes no comércio (e na futura industrialização) da cidade foi objeto de destaque no carnaval

de 1875. Sem apresentar o "luxo e a riqueza" de Esmeralda e Venezianos, "mas dispostos, tanto quanto elas, a divertir e alegrar, não aos endinheirados, porém o povo miúdo" (FERREIRA, 1970, p. 34), outros dois grupos carnavalescos sairiam às ruas, naquele ano, *Os Menestréis* e os *Musterreitz*. O primeiro era "um grupo de músicos fantasiados de garrafas de cerveja" (LAZZARI, 1898, p. 104). Produzida, inicialmente, na colônia-modelo, por meio de técnicas artesanais e familiares, numa reafirmação identitária e de resgate das origens, a cerveja se tornava, naquele carnaval, um símbolo da germanidade. É interessante destacar que, à medida que aumentava o consumo, a produção cervejeira logo passaria por uma especialização do processo, deslocando-se para núcleos urbanos maiores, como Porto Alegre (DUARTE, LORENÇO, FONTANA, 2020). Foi o caso de Friederich Christoffel. Procedente no Reno, em 1855, chegou ao Brasil. Depois de cinco anos no Rio de Janeiro, migrou para Porto Alegre, onde comprou uma pequena cervejaria. Importando máquinas e insumos da Alemanha, Friederich Christoffel montaria uma das primeiras fábricas de cerveja do Brasil (*A Federação*, Porto Alegre, 29 de abril de 1915, p. 6). Neste sentido, Pesavento (1985, p. 30) sublinha que "em função do desenvolvimento da economia imigrante, Porto Alegre converteu-se no maior conglomerado urbano do estado e o centro comercial de maior destaque na passagem do século XIX para o século XX". O segundo grupo representava caixeiros viajantes alemães, que se apresentaram "cavalgando bestas ajaezadas com preparos usados na colônia e cada um figurando o gênero de negócio a que se dedicava, seus componentes produziram franca hilaridade, sendo aclamados pela multidão que não cansava de aplaudi-los" (FERREIRA, 1970, p. 35.). Percorrendo a região colonial, montados em suas mulas, esses mercadores serviam de intermediários entre o comércio atacadista e o varejista, sendo incumbidos de "percorrer a região colonial do Rio Grande do Sul, levar as novidades oferecidas nas casas comerciais importadoras, exportadoras, manufaturadas e industriais dos principais centros urbanos e depois retornar com as encomendas feitas pelos comerciantes" (MÜHLEN; SANTOS, 2020, p. 130). De acordo com Gertz (2022, p. 125):

> Dos pequenos empreendimentos comerciais que faziam a troca de mercadorias com a "colônia" do interior, vários evoluíram para grandes empresas. Estas relações se tornaram tão intensas que acabou se consolidando a figura dos caixeiros-viajantes, atividade cuja importância pode ser avaliada pelo fato de que constituíram uma associação que continua presente no cenário da Capital – o Clube Caixeiros Viajantes.

É importante ressaltar que, a partir da segunda metade do século XIX, houve "uma proliferação de sociedades culturais, recreativas, profissionais e de ajuda mútua entre os teutos espalhados pela zona colonial alemã, sobretudo junto à comunidade teuta de Porto Alegre" (PIASSINI, 2017, p. 54). Espaço privilegiado para práticas e representações engendradas pelo germanismo, essas associações "foram lugares de construção e manutenção da identidade teuta" (PIASINI, 2017, p. 55). Naquilo que diz respeito aos festejos de Momo, observa-se que algumas agremiações buscaram celebrá-lo por meio de bailes. A sociedade Germânia, por exemplo, em 1878, já realizava bailes à fantasia no carnaval. No programa apresentado pela associação, é possível verificar a junção de costumes teutos e componentes burlescos, como a realização de *kappensitzung* e *kränzchen* (*Deutsche Zeitung, Porto Alegre, 28 de fevereiro de 1878. Apud GANS, 2004, p. 168)*. Aludindo aos bailes de máscaras, baseados no tradicional carnaval de Veneza, a *kappensitzung* costuma ocorrer nos salões da agremiação promotora, onde os convidados comparecem fantasiados, e há discursos de carnaval, canções, grupos de dança e outras apresentações provenientes de um clube de carnaval (MEMMESHEIMER, 2021). *Kränzchen*, por sua vez, se caracterizavam pela tradição de encontro de senhoras amigas, que confraternizavam regularmente no café da tarde. Segundo Fachel (1963, p. 329), apesar de "serem uma forma de recreação muito conhecida entre pessoas de origem germânica", seriam originários da Suíça, ou melhor, do cantão suíço alemão.

Além da Germânia, também eram realizados bailes carnavalescos em outras sociedades teuto-brasileiras, como a *Gesellschaft Leopoldina* (fundada em 1863, por filhos de imigrantes alemães, hoje localizada no bairro Moinhos de Vento), e a Atiradores Alemães (*Schützenverein*). Destaca-se que prática de tiro ao alvo, em Porto Alegre, teve início com os imigrantes alemães, sendo fundada na década de 1860 a primeira associação com tal finalidade (LICHT, 2009). Além da prática de tiro, as sociedades de atiradores eram "espaços de entretenimento, sociabilidade e compartilhamento da cultura germânica. [...] buscavam a afirmação do grupo e da identidade teuto-brasileira por meio de representações específicas identificadas em símbolos, normas, e comportamentos" (ASSMANN; MAZO, 2013, p. 567).

Problematizando a ideia de que o associativismo era uma prática inerente ao ser alemão, Gertz (2013) destaca que tal correlação acabou por arraigar-se no senso comum. Neste sentido, Silva (2006, p. 130) argumenta que o caráter associativista dos teutos em Porto Alegre é "resultado da necessidade própria a diferentes grupos étnicos e sociais de se agregarem para fins diversos – e assim definirem fronteiras e limites", além de ser também um "efeito da reprodução e atualização de representações a respeito do que faz e o que não faz parte da cultura ancestral na construção

da identidade original teuto-brasileira". Analisando a biografia Jacob Aloys Friederichs, imigrante alemão que trabalhou para o associativismo teuto no Rio Grande do Sul, atuando como liderança do *Turnerbund*, um dos mais importantes clubes da comunidade alemã de Porto Alegre, uma autora destaca que a "rede associativa existente na cidade era uma forma privilegiada de se integrar à sociedade" (SILVA, 2006, p. 123), tramando teias, não só de sociabilidades, como também de solidariedade. Exemplo disso pode ser observado no caso dos irmãos Gertum e os limões de cheiro no baile da Germânia, mencionado anteriormente. Em um baile realizado no *Club Comercial*, Cristiano Kraemer (que fazia parte da diretoria da Venezianos) conversara com Hugo Gertum a respeito do ocorrido, e, posteriormente, interpelara Adolpho Cardozo (um dos que acusara os irmãos Gertum pelo delito em questão) em defesa dos jovens, questionando-o a respeito dos motivos que o levaram a fazer tão grave acusação. O episódio foi descrito em cartas trocadas entre Hugo e Christiano, que, autorizadas pelo "amigo e patrício", foram publicadas na imprensa, a fim de abonar o comportamento dos jovens (*A Federação*, Porto Alegre, 20 de fevereiro de 1885, p. 2).

Embora a Germânia não fosse uma sociedade especificamente carnavalesca, em 1879, ela também apresentava seu desfile pelas principais ruas da cidade, aos moldes de esmeraldinos e venezianos. Trazendo alegorias que remetiam a uma cultura popular com traços germânicos, ela abria o desfile com *Till Eulenspiegel*, personagem galhofeiro do século XIV, dos contos folclóricos alemães (*Mercantil*, Porto Alegre, 21 de fevereiro de 1879, p. 2), exemplo de que o *deutschtum* não significa apenas "pertencer à comunidade étnica alemã", como também implica "o conhecimento de poetas, pensadores e literatos de língua alemã, de música alemã" (SEYFERTH, 2002, p. 118). A sociedade apresentava ainda outros grupos marcados por uma identificação étnica, como o dos Ciganos, Cossacos, Moicanos, Toureador Espanhol, Beduínos, Turistas Ingleses; bem como elementos que faziam parte do cotidiano porto-alegrense, como o grupo do *Skating Rink* (*Mercantil*, Porto Alegre, 21 de fevereiro de 1879, p. 2). No mês de outubro do ano anterior, a patinação havia chegado à cidade, com a inauguração do *Skating Rink Americano.* Localizado na Praça da Harmonia (atual Brigadeiro Sampaio), a novidade teria encantado o público porto-alegrense, e contribuído "para o dinamismo de uma Porto Alegre que se modernizava" (MELO; KARLS, 2016, p. 59), tornando-se temática para a agremiação.

Ressaltando a grande quantidade de grupos exibidos no desfile, o jornal *Mercantil* dava ênfase "ao carro que conduzia a Germânia, que estava magnífico", sublinhando "que houve muito gosto na combinação das críticas havendo também luxo nos tipos apresentados" (*Mercantil*, Porto Alegre, 26 de fevereiro de 1879, p. 2). Angariando reconhecimento público enquanto

sociedade promotora do novo carnaval, a Germânia era referenciada pelo *Mercantil* como "outra sociedade carnavalesca, composta em sua totalidade de alemães natos e oriundos". De acordo com o periódico:

> Os seus sócios são uma plêiade de moços folgazões, e entre aqueles patuscos, admiradores do chanceler Bismark, há sempre ideias felizes e agradáveis.
> O seu passeio foi admirado pelo público, que se mostrou contente; os seus grupos significativos agradaram extremamente (*Mercantil*, Porto Alegre, 1 de março de 1879, p. 1).

No ano seguinte, a Germânia voltaria a se apresentar ao público porto-alegrense, e "pelas ruas porque passou a sociedade foi ela entusiasticamente recebida com vivas e infinidade de buquês. [...]. A Germânia foi condignamente recebida pelo povo, pagando este, os esforços e sacrifícios dos seus sócios, com a homenagem merecida" (*Mercantil*, Porto Alegre, 11 de fevereiro de 1880, p. 2). Em pé de igualdade com Esmeralda e Venezianos, e adquirindo credibilidade como uma sociedade carnavalesca, os anúncios de venda de roupas e adereços eram destinados à tríade: "recomenda-se ***às*** sociedades carnavalescas Esmeralda, Venezianos, Germânia, para seus passeios burlescos, um variadíssimo sortimento de máscaras representando diversos tipos e que se vendem também quase de graça" (*Mercantil*, Porto Alegre, 21 de janeiro de 1880, p. 3).

O sucesso dos desfiles parece ter feito aumentar a simpatia pelos festejos, entre alemães e seus descendentes. De acordo com o jornal teuto-brasileiro *Deutsche Zeitung*, a necessidade de "formação de uma sociedade carnavalesca alemã especial" parecia fazer-se cada vez mais presente. "Contudo, por razões econômicas, não acabou se efetivando, sendo a ideia postergada para o ano seguinte" (*Deutsche Zeitung*, Porto Alegre, 23 de fevereiro de 1881. Apud GANS, 2004, p. 170). Em 1881, pelos mesmos motivos, a Germânia deixou de apresentar seu préstito, no carnaval. Lamentando o fato, o periódico destacava que "a sociedade não podia mais assumir as despesas deste, sem prejudicar seriamente seus interesses" (*Deutsche Zeitung*, Porto Alegre, 23 de fevereiro de 1881. Apud GANS, 2004, p. 170).

A Germânia só voltaria a desfilar em 1885. Naquele ano, os venezianos não compareceram aos festejos, a Esmeralda (por causa da chuva) não pôde apresentar o desfile que havia preparado, e a Germânia "aproveitou uma esteadazinha, na tarde de segunda-feira, e fez o seu passeio, que esteve imponente" (*O Século*, Porto Alegre, 22 de fevereiro de 1885). Acompanhada por outras sociedades teuto-brasileiras, como a Leopoldina e o *Schützenverein*, o préstito era composto de "grande numero de carros, uns exibindo

espirituosas críticas, outros, elegantemente decorados, conduzindo muitas jovens fantasiadas. Sobressaía entre outros o carro de crítica à atual política" (*Mercantil*, Porto Alegre, 18 de fevereiro de 1885, p. 2).

**Figura 1 –** Carnaval de 1885 – Sociedade Germânia.

**Fonte**: *O Século*, Porto Alegre, 22 de fevereiro de 1885.

Retratado por Joaquim Samarach (litógrafo espanhol radicado em Porto Alegre, a partir de 1881), a litografia do desfile foi publicada no jornal O *Século*. No canto inferior direito da imagem, observa-se a personagem *Till Eulenspiegel* abrindo o préstito. Logo atrás vinha uma banda de música, gaúchos a cavalo e o carro Germânia. Simbolizando as façanhas militares prussianas, a alegoria reproduzia "um monumento erguido por Guilherme II da Prússia, que mostrava uma imensa *Germânia*, figura feminina em bronze segurando o escudo do *reich* e a coroa imperial, em alusão **á** reconstituição do império (em 1871) e da unidade alemã" (GANS, 2004, p. 182). A Germânia era personificada pela "a exma. Sra. D. Carolina Koseritz que fazia ressaltar os seus dotes naturais com a magnificência de seus adornos" (*Jornal do Comércio,* Porto Alegre, 17 de fevereiro de 1885, p. 1). Filha do jornalista Carlos von Koseritz, Carolina nasceu em Porto Alegre, em 1865, e se tornou um dos poucos exemplos de mulheres que "transpuseram os umbrais domésticos para se impor por sua capacidade intelectual", na Porto Alegre oitocentis-

ta (FLORES, 1983, p. 101). Escritora e tradutora, participou, intensamente, das atividades promovidas pelo Centro Abolicionista, integrando as chamadas Comissões Libertadoras, "responsáveis por promover a libertação dos escravizados em diferentes distritos de Porto Alegre e Pedras Brancas" (DIHLL, 2020, p. 43). Além dela, Leopoldo Masson e Germano Hasslocher também integraram os quadros do Centro Abolicionista e das Comissões Libertadoras. Seu pai, Carlos von Koseritz, foi uma das principais lideranças políticas e intelectuais da província do Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XIX. Embarcado no mesmo veleiro que trouxera os legionários alemães que iriam lutar na guerra contra Rosas, Koseritz chegou ao Rio de Janeiro em 1851, e se incorporou ao 2º Regimento da Reserva da Cavalaria. Deslocado para a cidade de Rio Grande, fazia os serviços de caserna. Abandonando a tropa logo em seguida, estabeleceu-se na província, primeiro em Rio Grande, depois em Pelotas e na região da Campanha, onde conheceu a filha de um estancieiro, com quem se casou, em 1855. Depois de fazer nome na imprensa local, envolvendo-se em polêmicas políticas, transferiu-se para Porto Alegre, em 1864, onde se tornou representante das colônias alemãs no Rio Grande do Sul (WEIZENMANN, 2015). Monarquista, anticlerical, defensor do liberalismo, professava ideias cientificistas que, provavelmente, influenciaram a exibição do grupo intitulado "darwinismo", no passeio carnavalesco da Germânia, em 1879. Figura de destaque no jornalismo e defensor da integração teuta à sociedade local através da política, elegeu-se deputado provincial, exercendo mandato a partir de 1883, mesmo ano em que se tornou alvo de crítica carnavalesca, sendo retratado no desfile da Esmeralda, "de barretina e espada à cintura", sob o nome de *O Capiton* (FERREIRA, 1970, p. 67). Do carro de crítica apresentado pela agremiação também eram distribuídos versos, assinados com suas iniciais (C. v. K.), em que se satirizava "seu perfil intelectual pouco comum para o ambiente provinciano", ao mesmo passo em que se manifestavam as "suspeitas e ressentimentos que sua dupla nacionalidade podia despertar entre os brasileiros" (LAZZARI, 1998, p. 124).

Ainda no desfile de 1885, fazendo uma crítica ao colonialismo alemão[2], a Germânia apresentava o carro "Angra Pequena", onde eram retratados "os habitantes do 'continente negro', sob palmeiras e bananeiras, vivendo em paradisíaca inocência, sem ter a menor ideia do que vinha a ser o 'regime tutelar'" (*Koseritzi' Deutsche Zeitung*, Porto Alegre, 21 de fevereiro

2 Entre de 1884 e fevereiro de 1885, sob a liderança do chanceler alemão Otto von Bismarck, Portugal, Inglaterra, França, Bélgica, Holanda e mais nove potências da época, se reuniram na Conferência de Berlim, visando regular o Direito Internacional Colonial. Debatendo a ocupação do continente africano, os países definiram a "partilha da África", oficializando o domínio dos territórios.

de 1885. Apud 2004, p. 187). Baía localizada na costa desértica da Namíbia, inicialmente explorada pelos portugueses, Angra Pequena se tornou colônia do Império Alemão, a partir de 1884. Anos antes, o comerciante alemão Adolf Eduard Lüderitz havia ocupado a região, e, em função da ameaça dos povos locais em requerer o auxílio inglês, Lüderitz solicitou a proteção do Império Alemão (CHIPALANGA, 2022). Satirizando o antigo envolvimento de Portugal e Inglaterra, e a entrada tardia da Alemanha na dominação colonial do continente africano, o jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung*, de propriedade de Carlos von Koseritz, seguiu detalhando a alegoria: "acima deles pairava a bandeira alemã para qual olhavam com certa estranheza, já que esta lhes parecia menos colorida do que aquela a muito conhecida da Inglaterra e de Portugal" (*Koseritz' Deutsche Zeitung*, Porto Alegre, 21 de fevereiro de 1885. Apud 2004, p. 187).

Entre os demais carros de crítica que faziam referência à germanidade, destaca-se o da "Linguiça dos Prados", em que eram retratadas "as típicas cenas do Prado, nas quais o relho e as facas ocupam lugar central. Sobre um grande cavalo de balanço, dois jockeys competiam. [...]. No alto pairava uma grande linguiça, em alusão à *wurstymacherei* então corrente nos prados" (*Koseritz' Deutsche Zeitung*, Porto Alegre, 21 de fevereiro de 1885. Apud GANS, 2004, p. 186); um acampamento militar, onde em "frente a uma barraca via-se um barril de cerveja e armas recostadas onde membros da infantaria prussiana [...] eram servidos por cinco 'adoráveis' *marketenderinnen*, mulheres que exerciam aqui, o comércio informal de mantimentos comumente realizado no front ou durante as manobras" (GANS, 2004, p. 29); bem como o carro em que Lorelei, "uma linda jovem que, sentada sobre um rochedo à beira do Reno, enfeitiça, com seu canto os timoneiros que acabam por perder o controle da nau e naufragam" (GANS, 2004, p. 29). Essa alegoria era inspirada em lendas germânicas, datadas do início do século XIX, que deram nome ao penhasco localizado junto ao rio Reno, no estado da Renânia-Palatinado, onde numerosos marinheiros perderam suas vidas, ao longo do tempo (MENESES, 2020).

Embora muitas das temáticas apresentadas no desfile possam ser entendidas como representações do germanismo, havia também aquelas que se referiam às questões políticas locais, como o bloco em que uma gangorra satirizava a disputa entre liberais e conservadores. Nos extremos da gangorra "Dr. Barcellos e Silveira Martins procuravam manter-se equilibrados. Subiam os liberais e Martins passava a discursar em alta voz e a distribuir panfletos liberais" (*Koseritz' Deutsche Zeitung*, 21 de fevereiro de 1885. Apud 2004, p. 186). De acordo com Gertz (2022, p. 7), imigrantes alemães e seus descendentes enfrentaram restrições ao exercício da cidadania, que só foram sendo eliminadas, gradativamente, na segunda metade do século

XIX. Naquilo que tange à participação política, por exemplo, foi somente em 1881 que os naturalizados e não católicos tiveram o direito ao voto.

A partir disso, é possível verificar que, apesar da Germânia ser reconhecida por seu caráter étnico, o qual buscava demarcar em suas exibições e festividades, ela também não deixava de manifestar expectativas de exercício de cidadania e integração à sociedade local, tanto que em seu desfile trouxe um grupo de gaúchos vestidos em trajes típicos, e montados a cavalos. Cabe observar que, dois anos antes, a Esmeralda havia apresentado um carro de crítica à figura de Kosertiz (naturalizado, não-católico, recém eleito para Assembleia provincial) em que ele revelaria seu "desprezo pelos brasileiros, índios e negros e confessa[va] planos de entregar terras brasileiras à Alemanha de Bismarck" (LAZZARI, 1998, p. 124). Buscando serenar a desconfiança que muitos nativos pudessem ter diante de alemães e seus descendentes, a Germânia talvez tenha procurado apresentar outra versão de sua presença na cidade, escolhendo temáticas que expressavam a constituição do ser "teuto-brasileiro, ou seja, pessoas conscientes de seus direitos e suas obrigações perante a sociedade e, ao mesmo tempo, moldadas com entusiasmo à língua e às tradições culturais de origem" (GREGORY, 2013, p. 156).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do carnaval, foi possível vislumbrar a marcante presença de alemães e descendentes na formação da sociedade porto-alegrense. Do contato com a antiga brincadeira do entrudo à participação nas demais formas de celebrá-lo, com seus bailes e préstitos, constatamos que a festa colocava em pauta construções identitárias em que se expressavam tensões, conflitos, disputas e alianças a respeito dos valores que definiriam o viver em sociedade.

Observamos que a pluralidade étnica cultural que caracterizava a cidade, na segunda metade do século XIX, pode ser um indicativo para os conflitos que se originavam das brincadeiras de entrudo, folguedo típico da freguesia marcadamente açoriana que era a Porto Alegre do início dos oitocentos. Fosse por pedradas no lugar das bolas de cera, do ácido sulfúrico nos limões de cheiro ou de facadas por causa das bisnagas, o não compartilhamento de valores e as divergências nos usos e costumes contribuíam para pôr em conflito os diferentes grupos que compunham a sociedade, e que atribuíam distintos significados ao festejar.

Com a introdução de uma nova forma de celebrar o reinado de Momo, através da exibição de grupos ou de préstitos pelas ruas da cidade e bailes carnavalescos em diferentes associações, vimos que alemães e descendentes tiveram ativa participação no carnaval. Seja aderindo às so-

ciedades luso-brasileiras, como Esmeralda e Venezianos, ou festejando em associações que demarcavam seu pertencimento a uma identidade étnica, eles constituíram um novo espaço social além-mar.

Neste sentido, verificamos que elementos de preservação e difusão da língua e da cultura alemãs por parte de imigrantes e descendentes alemães podem ser percebidos por meio do carnaval. *Os Menestréis* e os *Musterreitz*, por exemplo, trouxeram para as ruas performances de garrafas de cerveja, e a figura do caixeiro viajante, elementos reconhecidamente associados aos alemães, tal qual a Germânia, identificada por seu caráter étnico – "os seus sócios são uma plêiade de moços folgazões, e entre aqueles patuscos, admiradores do chanceler Bismark". Seus bailes carnavalescos eram espaços privilegiados para práticas e representações engendradas pelo germanismo, como a realização de *kappensitzung* e de *kränzchen*, e permitiam a construção de redes não só de sociabilidades, como também de solidariedade, que se tornaram fundamentais à sua inserção na sociedade brasileira. Os desfiles, por sua vez, retratavam questões pertinentes aos interesses próprios da comunidade germânica, bem como expressavam expectativas de exercício de cidadania. À vista disso, sem abdicar das origens e do componente étnico na formação de sua identidade, imigrantes alemães e seus descendentes tiveram no carnaval a oportunidade de externar seus sonhos, desejos e anseios, integrando-se à pátria que os recebera.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. *Patrimônio e Memória* , vol.7, n. 1, p. 134-150, 2011.

ANUÁRIO *estatístico do Brasil 1936*. Rio de Janeiro: IBGE, vol. 2, 1936.

ARAÚJO, Dina. *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora UnB, 2017.

ASSMANN, A. B.; MAZO, J. Z. As sociedades de damas atiradoras: pelos caminhos da prática do tiro ao alvo em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. *Revista da Educação Física / UEM*, vol. 24, n. 4, p. 567–580, 2013.

BISSÓN, Carlos Augusto. *Moinhos de Vento*: histórias de um bairro de elite de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2008.

BRAUN, Felipe; BLUME, Sandro. *Alemães em Porto Alegre*. São Leopoldo: Oikos, 2022.

CHIPALANGA, D. C. *A independência da Namíbia e o desmoronamento do sistema do apartheid na África do Sul*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licencia-

tura no Ensino de História). Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla, Lubango, 2022.

DICKIE, M. A. S. Dos "Senhores do Sul" aos Brummer: a trajetória da construção social do trabalho, RS 1824-1880. In: XIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1989, Caxambu. *Anais*... Caxambu: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1989.

DIHLL, Tuane L. "Anjos da caridade": as mulheres integrantes do centro abolicionista de Porto Alegre (séc. XIX/ RS). *Revista do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 159, p. 41-66, 2020.

DUARTE, Tiaraju S.; LOURENÇO, William M.; FONTANA, Guilherme. Origem, Ascensão e Decadência das Cervejarias no Estado do Rio Grande do Sul: Um Recorte Espaço-Temporal do Século XIX e XX. *Revista Caminhos de Geografia*, Uberlândia/MG, v. 21, n. 73, p. 368–379, 2020.

FACHEL, José Fraga. Os grupos de bolão e os Kränzchen em Santa Cruz do Sul. *I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*. Centro de Estudos Sociais. Faculdade de Filosofia/UFRGS. Porto Alegre, 1963.

FARIA, Eduardo de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1859.

FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval porto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970.

FLORES, H. A. H. Carolina von Koseritz. *Estudos Ibero-Americanos*, vol. 9, n. 1, 2, p. 101-110, 1983. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/36354>. Acesso em: 12 jun. 2023.

FLORES, H. A.H. *Alemães na Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

FLORES, M. Do entrudo ao carnaval. *Estudos Ibero-Americanos*, vol. 22, n. 1, p. 149-162, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.1996.1.28783>. Acesso em: 25 jun. 2023.

GANS, Magda. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ANPUH/RS, 2004.

GERTZ, René. Alemães em Porto Alegre: sua presença no trabalho, na cultura, no comércio, na indústria. In: KUHN, Fábio; SCOTT, Ana Sílvia Volpi (Orgs.).*Porto Alegre 250 anos*: de uma vila escravista a uma cidade de imigrantes (séculos XVIII e XIX). São Leopoldo: Oikos Editora, 2022.

GERTZ, René. O associativismo entre alemães e descendentes no Rio Grande do Sul. In: BASTOS, Maria Helena Camara et al. (Orgs.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS*: memórias e histórias (1858-2008). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013, p. 25-50.

GERTZ, René. *O Perigo alemão.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

GREGORY, Valdir. Imigração alemã no Brasil. *Cadernos Adenauer* XIV, edição especial, 2013. Disponível em: <https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=6784b18c-388e-36b9-7404-2f6de3f23a15&groupId=265553>. Acesso em: 25 jun. 2023.

GRÜTZMANN, Imgart. Imigração alemã, história dos livros e da leitura e comércio livreiro: a atuação de Heinrich Rosenhaim em Porto Alegre (1864-1870). In: POSSAMAI, Paulo César et al. *Seminário de História do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: OIKOS, 2015.

HÖRMEYER, Joseph. *O Rio Grande do Sul de 1850*: descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil meridional. Porto Alegre: Editora D. C. Luzzatto Editores, 1986.

KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna*: de 1800 aos dias atuais. Tradução de Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 2013.

LAZZARI, Alexandre. *Certas coisas não são para que o povo as faça*: Carnaval em Porto Alegre (1879-1915). Dissertação (Mestrado em História) – UNICAMP, Campinas, 1998.

LEAL, Caroline. *As Mulheres e o Carnaval*: Porto Alegre (1869-1885). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021.

LICHT, Henrique Felippe Bonnet. Tiro – Subsídios históricos. *Centro de Memória do Esporte,* 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/95113>. Acesso em: 11 jun. 2023.

MASSEY, Douglas et al. Theories of international migration: areview and appraisal population and development. *Review*, New York, vol.19, n. 3, 1993.

MAUCH, Cláudia (Org.). *Os alemães no sul do Brasil*: cultura, etnicidade e história. Canoas: Ed. da Ulbra, 1994.

MELO, V. A.; KARLS, C. K.. A modernidade sobre rodinhas: a patinação na Porto Alegre do século XIX (1878-1882). *História Unisinos*, vol. 20, n. 1, p. 50-59, 2016.

MEMMESHEIMER, Florian. Kappensitzung. *Landesbibliothekszentrum Rheinland-Pfalz,* 2021. Disponível em: <https://lbz.rlp.de/de/ueber-uns/publikationen/virtuelle-ausstellungskataloge/karneval-in-der-kultur/kappensitzung>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MENESES, A. B. Sereias: sedução e saber. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 75, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i75p71-93>. Acesso em: 12 jun. 2023.

MÜHLEN, Caroline von; SANTOS, Rodrigo Luis dos. Os caixeiros viajantes como agentes formadores de redes sociais no Rio Grande do Sul. **Ágora**. Santa Cruz do Sul, vol. 20, n. 1, p. 124-133, 2018.

NEUMANN, G. R. O Brasil na literatura alemã do século XIX e a temática da emigração: as obras em prosa. *Espaço Plural*, vol. 9, n. 19, p. 9-19, 2000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1921>. Acesso em: 6 jun. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba: RIOCELL, 1985.

PIASSINI, Carlos E.; SAUSEN, João V. As transformações do séc. XIX e a imigração dos *brummer* e dos jesuítas para o Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico* e Geográfico do Rio Grande do Sul, n.159, p. 67-90, 2020. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihgrgs/article/view/104024/59778>. Acesso em: 24 jun. 2023.

PIASSINI, Carlos Eduardo. *Imigração Alemã e Política: os deputados provinciais Koseritz, Kahlden, Haensel, Brüggen e Bartholomay*. Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2017, p. 40-56.

REVERBEL, Carlos. Apresentação. In: HÖRMEYER, Joseph. *O Rio Grande do Sul de 1850*: descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil meridional. Porto Alegre: D. C. Luzzato; EDUNI-SUL, 1986.

RIO GRANDE DO SUL, Estado do. Arquivo Público do Estado. *Processo-crime n.2846*, maço 175, Porto Alegre, 1885.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 53, p. 117-149, 2002.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*: a ideologia germanista e o grupo étnico numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

WEIZENMANN, Tiago. *"Sou, como sabem..."*: Karl von Koseritz e a imprensa em Porto Alegre no século XIX (1864-1890). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

WITTER., J. S. Hormeyer, Joseph – O que Jorge conta sobre o Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros,* n. 6, p. 150-151, 1969. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/56531>. Acesso em: 6 jun. 2023.

**Recebido em:** 27/08/2023
**Aceito em:** 26/11/2023